



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Nery Chao, Cheng Hsin; Figueiredo, Juliana de Paula; Kawano Dias, Viviane; da Fonseca, Cinthia Beatriz; de Oliveira Sobrinho, Ivan Igor; Tavares, Giselle Helena; Schwartz, Gisele Maria

ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA E DESENVOLVIMENTO DO
COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE IDOSOS E
CONDUTORES

Movimento, vol. 21, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 169-180

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115338274013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA E DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO PRÓ-AMBIENTAL: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE IDOSOS E CONDUTORES

ADVENTURE ACTIVITIES IN NATURE AND DEVELOPMENT OF PRO-ENVIRONMENTAL BEHAVIOR: COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN ELDERLY PRACTITIONERS AND THEIR CONDUCTORS

ACTIVIDADES DE AVENTURA EN LA NATURALEZA Y DESARROLLO COMPORTAMIENTO PROAMBIENTAL: ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE PERSONAS MAYORES Y CONDUCTORES

Cheng Hsin Nery Chao*, Juliana de Paula Figueiredo, Viviane Kawano Dias***,
Cinthia Beatriz da Fonseca*, Ivan Igor de Oliveira Sobrinho*, Giselle Helena
Tavares**, Gisele Maria Schwartz*****

Palavras-chave

Natureza.
Idoso.
Educação
Ambiental.

Resumo: Este estudo qualitativo objetivou comparar os resultados referentes ao comportamento pró-ambiental obtidos com idosos praticantes de atividades de aventura com os dos condutores desta vivência. A Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (THOMPSON; BARTON, 1994) foi aplicada a amostras intencionais de idosos praticantes e de adultos jovens condutores de atividades de aventura na natureza. Os dados analisados descriptivamente por Análise de Conteúdo indicam que idosos e adultos jovens classificam-se na dimensão ecocêntrica, porém, idosos são mais antropocêntricos e apáticos ambientais. Sugerem-se novos estudos para subsidiar novas estratégias de ação no campo da Motricidade Humana, para estimular o desenvolvimento do comportamento pró-ambiental.

Keywords

Nature.
Elderly.
Environmental
Education.

Abstract: This qualitative study aimed at comparing results regarding pro-environmental behavior of elderly practitioners and conductors of adventure activities. The Ecocentrism and Anthropocentrism Scale (THOMPSON; BARTON, 1994) was applied to intentional samples of elderly practitioners and young adult conductors of adventure activities in nature. Data were descriptively analyzed by content analysis and indicate that elderly and younger adults are included in the ecocentric dimension. However, the former are more anthropocentric and environmentally apathetic. New studies are suggested to subsidize new action strategies in the Human Motricity field, to stimulate the development of pro-environmental behavior.

Palabras clave

Naturaleza.
Personas mayores.
Educación
ambiental.

Resumen: Este estudio cualitativo tuvo como objetivo comparar los resultados referentes al comportamiento proambiental obtenido con personas mayores practicantes de actividades de aventura y con los conductores de dichas actividades. La Escala de Ecocentrismo y Antropocentrismo (THOMPSON; BARTON, 1994) se aplicó a muestras intencionales de mayores y adultos jóvenes conductores de actividades de aventura en la naturaleza. Los datos, analizados descriptivamente por Análisis de Contenido, indican que personas mayores y adultos jóvenes son clasificados en la dimensión ecocéntrica, sin embargo, los mayores son más antropocéntricos y apáticos con el ambiente. Se proponen nuevos estudios para apoyar nuevas estrategias de actuación en el campo de la Motricidad Humana, para estimular el desarrollo del comportamiento proambiental.

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
E-mail: nerychao@gmail.com

** Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: julianapfig@hotmail.com

*** Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rio Claro, SP, Brasil.
E-mail: vivikdias@yahoo.com.br

Recebido em: 16-04-2014
Aprovado em: 21-01-2015

 Licence
Creative Commons

1 INTRODUÇÃO

A questão ambiental tem sido discutida em nível internacional a partir do momento em que desastres ambientais começaram a ameaçar a sobrevivência da própria humanidade. Um ambiente hostil e poluído contribui para o aumento de doenças e reflete na saúde coletiva, aumentando gastos públicos e diminuindo a perspectiva de vida (BROOK et al., 2010).

Com base nessa perspectiva, o movimento referente à Educação Ambiental se fez necessário. Desde o princípio deste movimento no Brasil, muito se avançou, entretanto, ainda são prementes ações que possam efetivamente desencadear o comportamento pró-ambiental em todas as faixas etárias, devido ao fato de que o que foi até o presente parece ser pouco eficiente ainda.

A Educação Ambiental no Brasil se tornou obrigação em nível nacional a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e por meio da Lei nº 9795/99 (BRASIL, 1999), quando foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental. Porém, o modo de condução das estratégias para sensibilizar as pessoas e promover o desenvolvimento do comportamento pró-ambiental requer a criação de novas alternativas. Rosa e Carvalhinho (2012) advertem que a mera transmissão de conhecimentos e competências teóricas para se alcançar o comportamento pró-ambiental já foi refutada.

Para reverter esse cenário, se faz premente o comprometimento de diversos campos de estudos, incluindo a Motricidade Humana. Entre as práticas da cultura corporal de movimento vivenciadas no âmbito do lazer que podem apresentar contribuição importante para se atingir essas perspectivas estão as atividades de aventura na natureza. Alguns estudos (BRUHNS, 2003; SCHWARTZ; CAMPAGNA; TAVARES, 2011) já ratificam que as características dessas atividades reiteram o senso de aventura, a perspectiva do risco controlado e de vivências de emoções significativas, podendo incentivar descobertas internas e refletir no estilo existencial, provocando mudanças de hábitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, incluindo a velhice, e atrelando sentidos conservacionistas às diversas ações, sobretudo ao se tomar como foco as perspectivas de atuação de profissionais envolvidos com essas atividades.

Neste sentido, pensar sobre a inserção do idoso nessas práticas é bastante interessante, se o idoso de hoje for percebido como o ativista ambiental dos anos 1960 e 1970, quando a questão ambiental definitivamente entrava na pauta de discussões das políticas internacionais, ou, ainda, como uma pessoa que vê o mundo com outros olhos e pode contribuir efetivamente para as questões ambientais atuais. Contudo, existem poucos registros na literatura a respeito de propostas referentes à Educação Ambiental que se adequem ao universo do idoso. Ainda, lidar com o idoso nas práticas de aventura na natureza representa um desafio, haja vista que, por essas atividades se relacionarem à superação de limites e à busca de prazer, aspectos ainda pouco explorados quando o foco recai no indivíduo idoso, demonstram um novo campo de estudos, que vai além da “[...] satisfação pessoal, profissional e social” (DIAS, 2006, p. 57).

Ao propor a inserção do idoso nas atividades de aventura na natureza, deve-se levar em conta as limitações próprias da idade. A aproximação do idoso, de modo sistematizado, às atividades de aventura na natureza pode auxiliá-lo a se libertar do claustro de quatro paredes,

oferecendo-lhe novas possibilidades de entendimento de si mesmo, do ambiente à sua volta, podendo, inclusive, contribuir para a perspectiva de desenvolvimento do comportamento pró-ambiental, aspecto a ser ainda melhor estudado.

Da mesma forma, tomar como foco os profissionais envolvidos neste contexto da aventura pode representar novas estratégias de ação mais eficientes para se desenvolver condutas ecologicamente corretas. Desta maneira, surgiu a motivação para realização deste artigo, o qual tem por objetivo comparar os resultados referentes ao comportamento pró-ambiental obtidos com idosos praticantes esporádicos de atividades de aventura com os dos condutores desta vivência.

Dois aspectos neste estudo se apresentam como inovadores, sendo o primeiro referente à diferença etária e o segundo relativo à diferença de interesse pelas atividades de aventura, pois os idosos praticam essas atividades no contexto do lazer, enquanto para os condutores essa é uma atividade profissional. Sendo assim, é instigante perceber como essas duas populações se envolvem com os valores pró-ambientais.

A comparação entre os resultados obtidos favorece uma análise que pode trazer novas interfaces com a teoria e com a história da questão ambiental e de alguns aspectos psicosociais relacionados à diferença etária, às práticas corporais de aventura na natureza e ao campo do lazer.

2 MÉTODO

O estudo, de natureza quali-quantitativa, foi dividido em duas partes, sendo uma referente à pesquisa bibliográfica a respeito das temáticas propostas e outra à pesquisa exploratória desenvolvida, contando com duas amostras intencionais referentes a idosos e profissionais. De acordo com Le Boterf (2003), o método quali-quantitativo consiste em mobilizar e combinar recursos pessoais (dimensão qualitativa) e recursos instrumentais (dimensão quantitativa), a fim de resolver uma situação específica de pesquisa, permitindo uma articulação entre problemas que envolvem atores e seu contexto e os dados concretos obtidos.

A primeira amostra foi de 24 idosos praticantes esporádicos de atividades de aventura (*trekking, canoagem*), sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com média de idade de 63 ± 3 anos e 67 ± 7 anos respectivamente, moradores da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Os critérios de exclusão no estudo eram a incapacidade motora, o não condicionamento físico e a incapacidade intelectual. Todos os idosos participantes apresentaram teste ergométrico e atestado médico liberando-os para as atividades físicas.

A segunda amostra referiu-se aos condutores de atividades de aventura. O estudo comparativo foi realizado por intermédio dos resultados obtidos na pesquisa de Figueiredo (2012), a qual levou em consideração uma amostra intencional, composta por 24 condutores, sendo que destes 21 eram do sexo masculino e três eram do sexo feminino, apresentando idade média de $30,37 \pm 7,37$ anos e tempo médio de atuação nas atividades de aventura de $9,25 \pm 5,02$ anos. Estes condutores atuavam nas seguintes modalidades: montanhismo (representando as modalidades de terra, gelo e neve), *rafting* (representando as modalidades de água) e *paraglider* (representando as modalidades de ar), de cidades consideradas

polos constantes de oferta dessas modalidades. Como critério de inclusão no estudo, foram levados em consideração indivíduos adultos, de ambos os sexos, com experiência mínima de um ano de atuação com as atividades de aventura. A pesquisa realizada por Figueiredo (2012) foi utilizada por ser uma das únicas fontes de dados que tomaram como foco condutores de atividades de aventura, razão que ratifica a autora como referencial importante no presente estudo.

Os idosos, bem como os condutores participantes do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo-se os procedimentos éticos de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Biociências da UNESP - Campus de Rio Claro - protocolo 1905/2011 (para os condutores) e 1857/2013 (para os idosos).

Como instrumento para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo idealizada por Thompson e Barton (1994) e traduzida para o português por Pinheiro et al. (2005)¹. Este é um instrumento validado, relacionado às atitudes e comportamentos ambientais e corresponde a uma escala do tipo *Likert*, contendo cinco pontos: discordo muito (DM); discordo (D); indiferente (I); concordo (C); concordo muito (CM). Na escala, os sujeitos devem apresentar o nível de concordância ou discordância com as afirmativas. Sua finalidade foi analisar as dimensões ecocêntricas, antropocêntricas e de apatia ambiental referentes às atitudes e comportamentos pró-ambientais dos idosos a partir das vivências das atividades de aventura e comparar esses resultados com os obtidos com os condutores de atividades de aventura.

As afirmativas referentes às três dimensões estão mescladas na escala. São 12 afirmativas relacionadas à dimensão ecocêntrica, 12 afirmativas relacionadas à dimensão antropocêntrica e nove afirmativas relacionadas à apatia ambiental. Na tabulação dos dados, colocou-se a numeração correspondente à ordenação das afirmativas na escala, para melhor visualização de sua distribuição. As diferenças foram observadas na soma de fatores concordantes (concorda e concorda muito), indiferente e discordantes (discorda e discorda muito) nas categorias ecocentrismo, antropocentrismo e apatia ambiental.

Os dados comparativos entre as duas amostras foram analisados descritivamente, por meio de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Os resultados foram ilustrados numericamente, de modo percentual, para facilitar a visualização.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vários aspectos relacionados à história vivida, ao amadurecimento intelectual, ao contexto histórico que permeiam as questões ambientais foram destacados nos resultados e trazem novos horizontes para pesquisas. A seguir são apresentados os resultados obtidos na pesquisa com os idosos, por meio das tabelas, e a comparação com os dados encontrados no estudo com os condutores de atividades de aventura.

¹ PINHEIRO, J. Q. et al. *A escala de ecocentrismo e antropocentrismo como base de indicadores do vínculo pró-ambiental de estudantes universitários*. Natal: Grupo de Estudos Interações Pessoa-Ambiente. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005. (Apostila).

Tabela 1 - Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Ecocentrismo.

Afirmativas	DM (%)	D(%)	I(%)	C(%)	CM(%)
1-Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento.	4,20	8,30	0	37,50	50,00
2- Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	0	0	0	54,20	45,80
5- É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	0	12,50	4,20	37,50	45,80
7- Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	0	4,20	8,30	45,80	41,70
12- Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	0	16,70	16,70	37,50	29,20
16- Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	8,30	20,80	0	41,70	29,20
21- Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	0	0	0	41,70	58,30
26- A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	0	4,20	0	29,20	66,70
28- Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	0	12,50	8,30	25,00	54,20
30- Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	0	12,50	8,30	45,80	33,30
32- Às vezes os animais me parecem quase humanos.	0	12,50	4,20	50,00	33,30
33- Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	0	0	0	62,50	37,50

DM – Discorda muito da afirmativa; D – Discorda da afirmativa; I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa; C – Concorda com a afirmativa; CM – Concorda muito com a afirmativa.

Fonte: Autoria própria (2014)

A Tabela 1 corresponde à dimensão Ecocentrismo, a qual valoriza a natureza por si própria e pelo seu valor intrínseco, por meio da associação entre afetos positivos e bem-estar pessoal no contato com a natureza. Numa análise geral, os idosos que praticam atividades de aventura claramente possuem uma tendência ecocêntrica, assim como os condutores de atividades de aventura (CAV)², com pequenas nuances.

O primeiro item relacionado à Categoria Ecocentrismo, afirmativa 1, demonstra uma possibilidade de maior preocupação dos idosos com a devastação ambiental que os CAV, já que não houve indiferença quanto à afirmativa que relaciona o crescimento populacional com a destruição de áreas naturais para o desenvolvimento por parte dos idosos, diferente dos CAV, e mais idosos são concordantes. Isso pode ratificar o que foi apontado por Duarte (2003), ressaltando que foi a partir da segunda metade do século 20 que os homens, em todas as nações, grupos étnicos ou credos foram afetados pelas transformações progressivas no meio ambiente. Ao analisar os CAV, a maioria ainda não tinha amadurecimento ou nascido naquela época, enquanto os idosos já estavam em sua fase adulta. É uma questão histórica que acaba fazendo parte do constructo vivencial de uma geração.

Na afirmativa 5, esse fator fica mais evidente. Se analisado o ponto “Indiferente”, têm-se quase três vezes mais indivíduos dos CAV que idosos. O número de discordantes também é maior nos CAV, quando afirmado que é entristecedor ver as matas serem destruídas para o uso da agricultura e da pecuária. Novamente se explicita uma questão histórica: na segunda metade do século 20 no Brasil houve a efervescência do movimento ambiental e a conservação dos ambientes naturais (FERREIRA, 2001).

A afirmativa 16 pode ser vista por diferentes ângulos, contudo, ao ficar evidenciado que 33,3% dos CAV são indiferentes, 12,5% discordam e 4,17% discordam muito sobre encontrar

2 Tabelas relacionadas aos Condutores de Atividade de Aventura ver Figueiredo (2012).

conforto na natureza quando se sentem tristes, enquanto nenhum idoso foi indiferente, 20,80% discordam e 8,30% discordam muito dessa afirmativa. Vê-se, possivelmente, uma indiferença, a qual pode ser originada pelo fato de a natureza ser o local de trabalho dos condutores e isso criar uma rotina nos mesmos, capaz de dessensibilizá-los. Entretanto, esse aspecto representa um desafio a ser ainda melhor pesquisado, dada a subjetividade envolvendo as relações entre emoções e o contato com a natureza.

Na frase “Fico triste ao ver o ambiente natural destruído”, afirmativa 21, novamente os CAV apresentaram indiferença, enquanto os idosos não. Como os CAV dependem da natureza para sua profissão, é estranho encontrar essa resposta. Uma possibilidade de análise é a de que a própria alternativa gere uma reação duvidosa em relação ao estado emocional. Outro ponto é que os idosos tiveram mais contato com o meio natural desde sua infância, anos 1950, quando Natal só possuía 15 bairros e uma população de 103.215 habitantes (QUEIROZ, 2010), enquanto, atualmente, são 35 bairros e uma população de 803.739 habitantes (IBGE, 2014). Esse contato com a natureza talvez não tenha acontecido aos CAV, devido ao crescimento das cidades, o qual está diretamente ligado ao desenvolvimento estrutural e à urbanização, cujas premissas, não raro, incluem a diminuição de áreas naturais.

A afirmativa 30, que indica como uma das razões mais importantes para conservar o ambiente a preservação de áreas selvagens, a tendência ecocêntrica foi mais exacerbada nos CAV, diferente das afirmativas anteriores. Houve mais idosos discordantes, o que pode evidenciar duas possibilidades. A primeira: os CAV dependem da natureza para sua profissão, isso influenciaria a resposta. Outra possibilidade é pensar na tendência conservacionista, iniciada no século XIX. Nela se acredita poder haver um convívio entre ser humano e natureza, utilizando de forma correta e eficiente os recursos naturais. Contudo, este aspecto pode apresentar outros vieses, já que, no contexto de comercialização das atividades, a natureza pode ser vista e transformada apenas em mercadoria (DIEGUES, 2004).

Percebe-se uma tendência para uma maior dimensão ecocêntrica nos idosos, possivelmente pelas questões históricas anteriormente elencadas em relação à questão ambiental. Outra justificativa é que pode estar relacionada também ao próprio amadurecimento e experiência de vida.

Tabela 2 - Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Antropocentrismo

Afirmativas	DM (%)	D(%)	I(%)	C(%)	CM(%)
4- A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	0	12,50	4,20	54,20	29,20
8- O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	8,30	8,30	12,50	58,30	12,50
11- Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	0	29,20	4,20	50,00	16,70
13- Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	4,20	16,70	20,80	50,00	8,30
14 - O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é que não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	0	25,00	4,20	37,50	33,30
19 - Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	0	41,70	12,50	33,30	12,50

22 - A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana.	0	8,30	8,30	62,50	20,80
23 - Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	0	25,00	8,30	41,70	25,00
24 - A natureza é importante porque pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	0	8,30	0	45,80	45,80
27- Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	0	0	0	41,70	58,30
29- Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	0	8,30	4,20	54,20	33,30
31- O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa ideia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	0	8,30	0	41,70	50,00

DM – Discorda muito da afirmativa; D – Discorda da afirmativa; I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa; C – Concorda com a afirmativa; CM – Concorda muito com a afirmativa

Fonte: Autoria própria (2014).

A Tabela 2 corresponde à dimensão Antropocentrismo, na qual o benefício humano é o objetivo para a manutenção dos recursos naturais. Segundo as criadoras da escala, Thompson e Barton (1994), as pessoas podem apresentar atitudes ecocêntricas e antropocêntricas ao mesmo tempo, contudo, serão mais egoístas em relação ao comportamento pró-ambiental. É o que se percebe nos resultados obtidos com os idosos, pois em 11 de 12 afirmativas a tendência antropocêntrica está presente.

No estudo de Figueiredo (2012) a tendência antropocêntrica também apareceu, mas apenas em quatro afirmativas de 12, ou seja, há uma diferença de atitude entre idosos e adultos mais jovens, com idades variando entre 22 e 35 anos, que representa parte da faixa etária participante do referido estudo. Thompson e Barton (1994) afirmam que, quanto mais antropocêntricos, menos suscetíveis a apresentarem comportamentos de conservação. Desta forma, mesmo os idosos apresentando uma tendência maior para o ecocentrismo, possivelmente, no dia a dia, a contribuição para a conservação da natureza seja bem maior por parte dos CAV, devido a apresentarem simultaneamente uma tendência ao antropocentrismo bem maior que os CAV.

Figueiredo (2012) cita a Teoria da Dissonância Cognitiva de Festinger (1957), na qual nem sempre as atitudes definem as condutas. Na questão ambiental, isso se traduz, por exemplo, em pessoas que acreditam na reciclagem para evitar a poluição causada pelo lixo, contudo, na rotina diária não separam o lixo orgânico do reciclável.

Ao destacar as principais diferenças entre os idosos e os CAV nesta tabela, pode-se perceber que, na afirmativa 4, “A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado”, 54,20% dos idosos concordaram e 29,20% concordaram muito com essa afirmativa, enquanto apenas 37,50% dos CAV concordaram e 8,33% concordaram muito. Uma das possibilidades de se justificar essas respostas é a própria condição psicofisiológica relacionada à idade. Os idosos têm mais necessidade e preocupação com a manutenção da saúde do que os adultos jovens. Nesse caso, o instinto de sobrevivência fala mais alto que a preservação da natureza.

A afirmativa 8 propõe que “o melhor de acampar se dá por ser uma forma barata de passar as férias”. Essa afirmativa é bem interessante, pois, entre os idosos, 58,30% concordam e 12,50% concordam muito, enquanto, nos CAV, apenas 20,83% concordaram e 8,33% concordaram muito. Diferentes possibilidades podem explicar esse resultado: primeiro, os CAV

têm como fonte de renda a condução de grupos em atividades de aventura, nas quais o acampamento é uma parte, desta forma poucos consideram ser uma atividade barata, ou de férias. Outra forma de explicar este resultado seria o fato de que a amostra considera que o melhor de acampar é estar na natureza, indiferente do valor financeiro atribuído à atividade. Outra possibilidade remonta à realidade do século passado, quando existiam mais áreas naturais de livre acesso. Autores como Requião (1991) incentivavam o excursionismo e o contato com a natureza para compreendê-la e respeitá-la nos seus próprios termos, e isso, possivelmente, ficou no inconsciente dos idosos que concordaram com a questão.

Na afirmativa 11, o antropocentrismo fica exacerbado nos idosos quando se fala da preocupação dos seres humanos em ficarem sem as reservas de petróleo. Com esta afirmativa, 50,00% dos idosos concordaram e 16,70% concordaram muito, enquanto apenas 25% dos CAV concordaram. Isso pode ser relacionado também às lembranças de meados do século passado, quando a crise do petróleo abalou o mundo ocidental, já que era e continua sendo a principal fonte de energia no planeta (MURPHY; HALL, 2011).

Na afirmativa 13, “A ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados”, os idosos também são mais antropocêntricos. Isso remonta ao conservadorismo, o qual defendia que “[...] a natureza é frequentemente lenta, e os processos de manejo podem torná-la eficiente” (DIEGUES, 2004, p. 29).

O antropocentrismo exacerbado nos idosos se repete na afirmativa 14, referente à preocupação de que não haverá madeira nativa para as gerações futuras, devido ao desmatamento. 37,50% dos idosos concordam e 33,30% concordam muito, enquanto 20,83% dos CAV concordam e 12,50% concordam muito. Aqui, a preocupação com as gerações futuras pode estar relacionada ao conceito de sustentabilidade, muito difundido na segunda metade do século XX, sobretudo a partir do Relatório Brundtland (COMISSÃO MUNDIAL DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1988).

Na afirmativa 22, a qual fala sobre a razão mais importante para a conservação ambiental ser a sobrevivência humana, não houve diferenças entre as respostas dos idosos e dos CAV, mais de 54,00% de cada grupo concordam e 20,00% concordam muito com a afirmativa. No entanto, faz-se destaque nesta afirmativa, por ser a mais ligada à dimensão antropocêntrica e, nesse caso, os dois grupos demonstraram essa forte tendência. Ao se pensar nas estratégias que o ser humano desenvolveu ao longo dos séculos para explicar o mundo (mito, religião, filosofia, arte e ciência) (SEVERINO, 1994), a tendência antropocêntrica se faz presente desde os primórdios, já que o ser humano se diferencia pela capacidade de raciocínio, de transformar os elementos da natureza e de dominar os demais seres (CHAO, 2005).

A afirmativa 23 diz que a economia de dinheiro é uma das melhores coisas sobre a reciclagem, sendo que 41,70% dos idosos concordaram e 25% concordaram muito, enquanto 16,67% dos CAV concordaram e 4,17% concordaram muito. Novamente, os idosos se mostraram bem mais antropocêntricos. Neste caso, a questão histórica também pode exercer influência, já que, no Brasil, a reciclagem tem início em 1896, com os primeiros catadores de lixo encaminhando garrafas, ferros e outros materiais para fábricas locais, onde seriam reutilizados. Já em 1920, com o debate internacional sobre reciclagem de lixo e as possibilidades de rendimento econômico resultantes desta atividade, a questão no Brasil ganhou força. Em 1970, foram criadas novas ferramentas e produtos que facilitavam o processo de reciclagem, e daí surgiram vários projetos e programas de incentivo à reciclagem de lixo (HISTÓRIA..., 2014).

Na afirmativa 31, sobre o uso contínuo das terras para agricultura ser uma boa ideia desde que isso não interfira na qualidade de vida, novamente os idosos, com 41,70% que concordaram e 50,00% que concordaram muito, se mostraram mais antropocêntricos. Dentre os CAV, 37,50% concordaram e 8,33% concordaram muito. Possivelmente, isso se dá pela necessidade dos CAV de áreas nativas e pouco degradadas para o desenvolvimento de suas atividades, e eles têm consciência que boa parte da devastação de áreas naturais foi devida à necessidade de áreas para a agricultura e pecuária. Veiga (2003) cita outros problemas provenientes da devastação das matas e manejo indevido do solo, como os processos erosivos, necessidade do uso de mais fertilizantes, proliferação de insetos, ácaros, fungos e bactérias e também a poluição das águas.

Tabela 3 - Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Apatia ambiental.

Afirmativas	DM (%)	D(%)	I(%)	C(%)	CM(%)
3- Ameaças ambientais, tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio, têm sido exageradamente divulgadas.	0	33,30	8,30	41,70	16,70
6- A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranoica.	4,20	45,80	12,50	29,20	8,30
9- Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	12,50	33,30	8,30	33,30	12,50
10- Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	4,20	33,30	20,80	25,00	16,70
15- Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	45,80	45,80	4,20	0	4,20
17- A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	16,70	25,00	4,20	37,50	16,70
18 - Os problemas ambientais não me importam.	41,70	54,20	0	0	4,20
20 - Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	25,00	37,50	0	20,80	16,70
25 - Dá-se ênfase excessiva à conservação.	20,80	25,00	8,30	25,00	20,80

DM – Discorda muito da afirmativa; D – Discorda da afirmativa; I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa; C – Concorda com a afirmativa; CM – Concorda muito com a afirmativa

Fonte: Autoria própria (2014).

A Tabela 3, referente à Apatia Ambiental, salienta a indiferença e o não envolvimento com a questão ambiental. Os resultados demonstram que os idosos têm maior tendência à apatia ambiental, ao se comparar com os resultados obtidos com os CAV. Nesse sentido, torna-se importante uma análise nos itens onde essa categoria foi mais pronunciada.

A afirmativa 3 diz que “ameaças ambientais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio têm sido exageradamente divulgadas”. Enquanto nenhum dos CAV concordou e 12,5% concordam muito, 41,70% dos idosos concordam e 16,70% concordam muito, demonstrando um grau maior de apatia ambiental nos idosos. Neste caso, como os adultos mais jovens são condutores de atividades de aventura, uma possibilidade de explicação é que já estão sentindo mais a problemática do desmatamento, até porque precisam de áreas naturais para desenvolver sua profissão.

Na afirmativa 6 ocorre uma situação similar à afirmativa 3, quando se aponta que “a maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranoica”. Apenas 4,17% dos CAV concordam e nenhum concorda muito, enquanto 29,20% dos idosos concordam e 8,30% concordam muito.

Na afirmativa 9, quando é afirmado que o problema do esgotamento dos recursos naturais não é tão ruim como se diz, 8,33% dos CAV concordaram e 8,33% concordaram muito, enquanto 33,30% dos idosos concordaram e 12,50% concordaram muito. Nesse caso, pode-se fazer uma analogia com o Relatório Brundtland (COMISSÃO MUNDIAL DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1988), no qual um dos pontos que causaram grande polêmica foi o esgotamento dos recursos naturais. Pelas estimativas apresentadas, vários recursos já seriam escassos. Contudo, isso não aconteceu, devido às diretrizes que foram tomadas, e também por causa das novas formas de utilização e criação de novas tecnologias para reutilização de diversos materiais.

A afirmativa 10 coloca que é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais, sendo que 16,67% dos CAV concordaram e 4,17% concordaram muito, enquanto 25,00% dos idosos concordaram e 16,70% concordaram muito. Fica clara a tendência à apatia ambiental nos idosos, contudo, é preciso lembrar que são praticantes de atividades de aventura em áreas de proteção ambiental, enquanto os CAV, por vezes, utilizam várias áreas não protegidas, apenas conservadas pela iniciativa particular dos proprietários.

Há uma inversão ao se comparar os resultados na afirmativa 15, a qual declara que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver. Neste caso, os CAV foram mais apáticos ambientais, já que 16,67% concordaram muito e apenas 4,20% dos idosos concordaram muito. Possivelmente, essa diferença tem relação com o que foi comentado anteriormente na análise da Tabela 2, os idosos tiveram contato maior com os problemas ambientais, em um momento efervescente do ambientalismo, trazendo um amadurecimento maior da dependência dos seres humanos em relação à natureza (PAEHLKE, 1989).

Na afirmativa 17, “[...] a maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente”, 37,50% dos idosos concordam e 16,70% concordam muito, enquanto 25,00% dos CAV concordam e 4,17% concordam muito. Novamente, percebe-se uma apatia ambiental maior por conta dos idosos, possivelmente influenciada pelos mesmos motivos relatados na afirmativa 9, na qual muitas das previsões quanto aos problemas ambientais não se fizeram sentir mais efetivamente, devido às novas políticas e regras ambientais definidas e não bem esclarecidas para o público em geral.

Supõe-se que a afirmativa 20, “Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos”, foi mal interpretada pelos idosos, já que 20,80% concordaram e 16,70% concordaram muito com a assertiva e 8,33% dos CAV concordaram e 4,17% concordaram muito. Sendo assim, estas respostas parecem representar um contrassenso, ao serem comparadas com a Tabela 1. Uma possível explicação pode ser pautada na Teoria da Dissonância Cognitiva de Festinger (1957).

Na afirmativa 25, afirma-se que “é dada ênfase excessiva à conservação”, 25,00% dos idosos concordam e 20,80% concordam muito, enquanto 25% dos CAV concordam e nenhum concordou muito. A apatia ambiental, novamente, é maior nos idosos do que nos CAV. Uma possibilidade de explicação é a de que os CAV percebem mais a problemática da devastação ambiental, devido ao fato de desenvolverem suas atividades profissionais diretamente no meio natural. Outra possibilidade de análise seria de cunho mais histórico, haja vista que, no auge do movimento ambientalista havia duas correntes: uma conservacionista, tipicamente antropocêntrica, e outra preservacionista, tipicamente ecocêntrica (PAEHLKE, 1989).

4 CONCLUSÕES

Ao se comparar os resultados obtidos na Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (T&B), percebe-se que tanto os idosos praticantes de atividades de aventura como os adultos jovens condutores dessas atividades classificam-se na dimensão ecocêntrica. Isso reforça a teoria de que o contato com a natureza parece ser primordial na conscientização ecológica.

No entanto, os idosos são mais antropocêntricos e possuem uma característica voltada para a apatia ambiental mais pronunciada que os condutores de atividades de aventura. Isso vai ao encontro do que Thompson e Barton (1994) defendem, de que uma pessoa pode ser ecocêntrica e antropocêntrica ao mesmo tempo, e, neste sentido, quanto mais antropocêntrica, menos suscetível a apresentar comportamentos de conservação.

Nas análises desenvolvidas, pode-se concluir que os condutores de atividades de aventura possivelmente contribuem mais para desenvolvimento do comportamento pró-ambiental. Isto pode ser evidenciado tanto por apresentarem tendências antropocêntricas e de apatia ambiental ínfimas, se relacionadas à dimensão ecocêntrica, como pela profissão possibilitar esse cunho educativo.

Por fim, evidencia-se a necessidade de novos estudos que enriqueçam a discussão acerca do idoso, da intergeracionalidade, da atividade de aventura na natureza, da educação ambiental e do comportamento pró-ambiental, a fim de aprofundar os conhecimentos no campo de estudos da Motricidade Humana.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 2. ed. rev. e atual. Lisboa: Edições70, 2010.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 27 abr. 1999. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm >. Acesso em: 5 abr. 2012.
- BROOK, Robert D. et al. Particulate matter air pollution and cardiovascular disease: an update to the scientific statement from the American Heart Association. **Circulation**, Baltimore, v. 121, n. 2010, p. 2331-2378, may 2010.
- BRUHNS, Heloisa Turini. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, Alciany; BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52.
- CHAO, Cheng Hsin Nery. **Universidade e Educação Ambiental**. 2005. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- COMISSÃO MUNDIAL DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Nosso futuro comum:** o relatório Brundtland. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- DIAS, Viviane Kawano. **A participação de idosos em atividades de aventura na natureza no âmbito do lazer:** valores e significados. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.
- DIEGUES, Antonio Carlos S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- DUARTE, Moacyr. O problema do risco tecnológico ambiental. In: TRIGUEIRO, André. (Coord). **Meio ambiente no século 21:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 245-257.

- FERREIRA, Lúcia C. Ambientalismo brasileiro nos anos de 1990: crise e oportunidade de mudança social. In: SORRENTINO, Marcos. (Org.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: Editora da PUCSP, 2001. p. 57-84.
- FESTINGER, Leon. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford: Stanford University, 1957.
- FIGUEIREDO, Juliana de Paula. **Atitudes de condutores de atividades de aventura e a perspectiva de disseminação da sensibilização ambiental**. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- HISTÓRIA e evolução da reciclagem de lixo no Brasil. In: **Educação www.educacao.cc**. Disponível em: <<http://www.educacao.cc/ambiental/historia-e-evolucao-da-reciclagem-de-lixo-no-brasil/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades@. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=240810&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 21 nov. 2014.
- LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MURPHY, D. J.; HALL, C. A. S. Energy return on investment, peak oil, and the end of economic growth. **Annals of the New York Academy of Sciences**, New York, v. 1219, n. 2011, p. 52-72, 2011.
- PAEHLKE, R. C. **Environmentalism and the future of progressive politics**. New Haven: Yale University, 1989.
- QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. A produção do espaço urbano de Natal/RN: algumas considerações sobre as políticas públicas. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, Uberlândia, v. 2, n. 4, p. 2-16, jul. 2010.
- REQUIÃO, Cristiano. **Manual do excursionista**. São Paulo: Nobel, 1991.
- ROSA, Paulo F.; CARVALHINHO, Luís. A. D. A educação ambiental e o desporto na natureza: uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 259-280, jul./set. 2012.
- SCHWARTZ, Gisele Maria; CAMPAGNA, Jossett; TAVARES, Giselle Helena. As atividades de aventura e a configuração do estilo pró-ativo no lazer. In: PEREIRA, Dimitri Woo et al. (Org.). **Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura**. São Paulo: Lexia, 2011. Cap. 6, p. 75-88.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994.
- THOMPSON, Suzanne Gagnon T.; BARTON, Michele A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, London, v. 14, n. 2, p. 149-157, jun. 1994.
- VEIGA, José Eli da. A agricultura no mundo moderno: diagnóstico e perspectiva. In: TRIGUEIRO, André. (Coord). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 199-213.